



ARTISTAS PARISIENSES: M.^{elle} L. Greuze

(«Cliché» Felix).

11 série—N.º 568

ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

Lisboa, 8 de Janeiro de 1917

Portugal, colónias portuguesas e Hespanha

Assinatura Trimestre, 1\$20 ctv. — Semestre, 2\$40 ctv. — Ano, 4\$80 ctv. —

Numero avulso, 10 centavos

Director — J. J. DA SILVA GRAÇA

Propriedade de J. J. DA SILVA GRAÇA, Ltd.

Numero avulso em todo o Brazil, 600 réis

EDIÇÃO SEMANAL DO JORNAL «O SECULO»

Editor — JOSÉ JOUBERT CHAVES

Medico DECIO FERREIRA

Tratamento e cura pelo **RADIUM** do **cancro** (Eptelomas, sarcomas e carcinomas). Cancroides. Queloides e cicatrizes viciosas. Angiomas. Nevos vasculares e pigmentares. *manchas de vinho*. Tuberculose cutanea, mucosa, ossea, ganglionar e articular. Pruridos, névrodermites, acne, eczemas. Fibromas e hemorragias uterinas, metrites. Uretrites cronicas. Hemorragia e suas complicações. Manifestações terciarias da sífilis, etc.



Antes



Depois

Raios X e electricidade na gota, reumatismo, coração, pele, nevralgias, paralisias, tumores, etc.

Consultorio: **Rua Garrett, 61, 1.º (Chiado)** — Telefone 2.570, LISBOA

TELEPH. **PERFUMARIA** Nº 2638
ROSA D'OURO
 COLOSAL SORTIMENTO
 Rua do Ouro, 261 JOAQUIM R. ALVES
 LISBOA

Henri Manuel PHOTOGRAPHO D'ARTE

27, Rue du Faubourg Montmartre

Agencia Internacional de Reportagem

As mais importantes
coleções de retratos de altas
personalidades

Companhia do Papel do Prado

SOCIEDADE ANÓNIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

Sede em Lisboa. Proprietaria das fabricas do Prado, Marianaia e Casal d'Hermio (Louzã). Vale Maior (Albergaria-a-Velha). Instaladas para produção anual de seis milhões de kilos de papel e dispoendo dos maquinismos mais aperfeiçoados para a sua industria. Tem em deposito grande variedade de papeis de escripta, de impressão e de embrulho. Toma e executa prontamente encomendas para fabricações especiais de qualquer qualidade de papel de maquina continua ou redonda e de fôrma. Fornece papel aos mais importantes jornaes e publicações periodicas do paiz e é fornecedora exclusiva das mais importantes companhias e empresas nacionaes.—*Escritorios e depositos:*

LISBOA—270, Rua da Princesa, 276 PORTO—49, Rua de Passos Manoel, 61

Endereço telegrafico em Lisboa e Porto: **Companhia Prado.**
 Numero telefonico: **Lisboa, 605—Porto, 117**

CAPITAL	
Ações	360.000\$000
Obrigações	323.910\$000
Fundos de reserva e de amortisação	266.400\$000
Réis	500.310\$000

REMÉDIO FRANCEZ
 o mais antigo conhecido contra a

PRISÃO DE VENTRE

INVENTADO em 1802
 VERDADEIROS

Grãos de Saúde do Dr Franck

(Véritables Grains de Santé du Dr Franck)
 Em todas as Pharmacias e Drogeries.
 DEPOSITARIO:
 J. DELIGANT, 15, R. dos Sapateiros, LISBOA

Officinas da



Ilustração Portuguesa

Postas a disposição do publico, executando todos os trabalhos que lhe são concernentes por preços modicos e com inexcédivel perfeição.

TRABALHOS DE

Zincogravura, Fotografvura, Stereotipia,

Composição e Impressão

Zincogravura e Fotografvura em zinco simples de 1.ª qualidade cobreado ou nikelado. Em cobre, a cores, pelo mais recente processo—o de tricromia. Para jornaes, com tramas especiais para este genero de trabalhos. Stereotipia de toda a especie de composição. Impressão e Composição de todo o genero de revistas, catalogos, illustrações e jornaes diarios da tarde ou da noite. Impressão a ouro, prata, relevo, etc., etc.

RUA DO SEculo, 43—Lisboa



O bilhete de visita

É evidente que todos desejamos um ano feliz ás pessoas do nosso conhecimento e que essas pessoas nutrem a nosso respeito benevolencia analoga. Depois, diversos que fossem os nossos sentimentos ou os de ellas, por mal que nos quizessemos mutuamente, não ousariamos confessar-lo, antes disfarçaríamos tal disposição com afirmativas contrarias.

Ora, sendo assim, como é geralmente reconhecido, de que servirá a exhibição por meio de visitas, de cartões, de cumprimentos? São, dir-se-ha, formulas sociaes de boa educação, mas não ha duvida de que são tambem um incomodo inutil, um dispendio de tempo e de paciencia, que nos torna mal humorados e não aumenta a cordialidade entre pessoas que se querem nem modifica a indiferença entre as que não se querem



Lemos que esta moda vae desaparecendo lá fóra, invocando-se, pelo que se refere ao cartão, motivos de economia; de modo que, se estes não são um simples pretexto, reaparecerá depois da guerra, com as suas correspondentes arreias. Curvar-nos-hemos, obediétes, para não lançarmos uma nota discordante na harmonia das convenções banaes, mas nunca nos convenceremos de que um bilhete de visita seja causa de satisfação para quem o escreve ou o recebe: é apenas um meio de favorecer o commercio da papelaria.

Balanço

A imprensa franceza efétuou o que pode denominar-se balanço da guerra, comparando o ano de 1915 com o de 1916 e concluiu que pende agora para o lado dos aliados, por quanto a Russia se fortaleceu, Verdun marcou um notavel exito para os francezes, a Servia rejuvenesceu, a offensiva austriaca contra o Trentino fracassou, etc.

Provavelmente o balanço feito na Alemanha ha de considerar estes incidentes como de pouco peso, opondo-lhes as invasões e vitorias suficientes para fazerem inclinar o fiel para o seu lado — isto é, acontece na guerra como em tudo, que os interessados facilmente acreditam o que desejam.



Mas, quanto a nós, os esmiuçadores d'estas curiosidades esqueceram-se de um elemento importante e esse é que fará definitivamente desequilibrar o travessão, no ano que principiou, por um excesso enorme de carga no prato dos aliados: esse elemento é a Justiça, a que pode contrapôr-se seja o que fôr, volumoso ou não, que tudo em comparação com ella será insignificante e mais leve do que uma bola de sabão, ainda quando, como d'esta vez, o contrapeso se chame Iniquidade, com a apparencia de grandeza que lhe dá a maledicencia dos desorientados.

Os gracejadores da guerra

Os «gracejadores da guerra», abundantes entre nós, vão pouco a pouco perdendo a vontade de troçar e já aquelle sorriso motejador e incredulo com que recebiam as noticias da nossa participação direta no

conflito ou das suas consequencias na nossa propria casa, é substituído por uma expressão de forçada desconfiança e seriedade.

O recente decreto restringindo o consumo do gaz de iluminação, veiu persuadir esses gracejadores de que eram descabidos os remoques e provar-lhes que ninguem pode livrar-se dos sacrificios impostos pela guerra.

Como se demorasse a partida das tropas portuguezas para França, zombaram; como a carencia de generos alimenticios não fosse absoluta, riram; como não avistassem do Chiado os periscopios dos submarinos, chasquearam... Hoje, porém, com Lisboa quasi ás escuras, obrigados a poupar o gaz, a abandonar as portas dos estabelecimentos á boca da noite, declaram-se convencidos e descontentes — tão descontentes, que não é raro manifestarem ostensivamente a vontade de emigrar.



Não sabemos de logar, em paiz beligerante ou neutral, onde escapassem á nefasta influencia da horrorosa conflagração, que em todo o mundo se reflecte; mas, sinceramente o afirmamos, é pena que os senhores «gracejadores da guerra» não façam o dito verdadeiro, isto é, não emigrem. Voltariam depois da guerra, e provavelmente curados para sempre da molézia de motejar, porque a benignidade com que lhes acolhem as facecias é quasi exclusiva da nossa terra, onde as pessoas sensatas se limitam, a escuta-los, a encolher os hombros e a chamar-lhes tolos.

Livros

Do Brazil chega-nos um volume interessantissimo, do eminente literato João do Rio, com o titulo *Cronicas e frases de Godofredo de Alencar*. O espaço de que dispomos para noticia das obras que merecem referencia aqui, não permite largueza de apreciação, nem, tratando-se de nomes como o de João do Rio, ella é necessaria.

Limitar-nos-hemos á transcrição de uma das «frases», que dá bem idéa do espirito estranho do livro:

«Não acredites nunca no que te disser a mulher. Se está a chorar e ella o diz, com certeza não está. Se a casa arde e ella o diz, com certeza não ha fogo. A mulher é o «spleen» da serpente, a unica pilheria de um Deus severo como Jehovah, que passou seis dias a trabalhar e ao cabo d'esse praso curto sentiu que irrevogavelmente nada mais tinha a realisar. A mulher é um devaneio, a partida de Deus á criação. Não acredites na mulher. Ela mente por mentir, sem intenção. E mente sempre... Mas devo dizer-te que o mundo não teria sido feito se não fosse essa mentira e que tu não viverás se não fores, como todos nós, vitima d'essa mentira muita vez...»



—Antonio Correia de Oliveira acaba de publicar mais dois poemetos da sua linda obra *A minha terra*. Intitulam-se *Do meu quintal* e *Um lenço de cantigas*, versos encantadores, dos quaes damos esta amostra:

Este lenço tem á roda,
 Uma silva enredadeira;
 Se o meu amor o beijar
 A silva faz-se roseira!

Deliciosa quadra, não é?

ACACIO DE PAIVA.

(Ilustrações de Stuart Carvalhaes).



Hospital militar de Capelongo

Expedição ao Sul d'Angola

A gentileza dos srs dr. Antonio Luazes, tenente medico, e Fernando Lara Reis, alferes, que tomaram parte brilhante na expedição ao sul d'Angola, deve a *Ilustração Portuguesa* este interessante artigo de impressões sobre a nossa Africa, escrevendo-o o sr. dr. Luazes e dispensando-nos o sr. Lara Reis do seu curioso caderno de campanha as belas fotografias que reproduzimos, tiradas por ele proprio.

Nota da redacção.



Na fortaleza de Capelongo. — Sentados sobre a peça o tenente medico sr. dr. Antonio Luazes e o alferes sr. Fernando de Lara Reis. Atraz, em pé, o capitão sr. Polcarpo Dias, e com o braço apoiado na peça o tenente de dragões sr. Antonio Ulpiano Rodrigues.

nhia e dois pelotões da 11.^a companhia), uma das unidades que ia fazer a occupação das regiões submetidas pela expedição anterior.

Os dois pelotões da 11.^a companhia ficam em Mossamedes para o serviço militar da cidade; a 12.^a companhia parte, passados tres ou quatro dias para Lubango. Toda a paisagem que se disfruta do

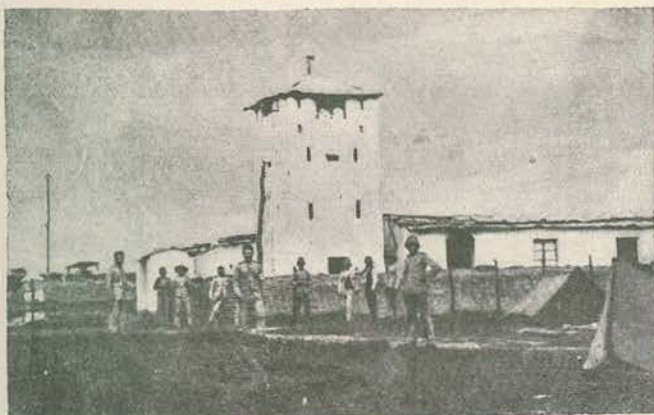
Após uma viagem directa de quinze dias, durante os quaes, os nossos olhos, ainda humidados das lagrimas da despedida, só tinham como horisonte mar e ceu, chegamos ao almejado porto de Mossamedes, a primeira terra africana que iamso conhecer. Uma sensação nova nos invadiu, a do desconhecido! Africa, que, para nós, portuguezes amigos das nossas comodidades e bem-estar, significa uma série de sofrimentos e privações, vaes, emfim, patentear-nos os teus misterios.

A primeira impressão, quando, do paquete, avistamos aquele imenso areal com raras palmeiras e alguns barracões, é desagradavel. E essa impressão só se desfaz, quando desembarcamos e entramos na cidade, com os seus arruamentos muito rectilineos, as suas casas de exterior agradavel, o seu jardim, etc.

Fazemos parte do regimento de infantaria 22 (12.^a compa-



Descida da Serra de Chela



Fortaleza do Quipungo

caminho de ferro, a serra de Chela principalmente, é encantadora, misteriosa mesmo.

dade das côres, cortadas por planícies pantanosas (chanas). Por vezes, aparecem-nos rios de difícilima

mente o que necessitam para seu sustento.

Era no Lubango que se indicavam as regiões para onde marcharíamos afim de proceder á sua ocupação. A' 12.^a companhia do 22 couberam as regiões de Quipungo, Capelongo, Mulondo e Cassinga. Passavam por ser pessimas, no que diz respeito a clima e meios de comunicação. Coração ao largo e inicia-se a marcha para os determinados pontos.

Para Capelongo, onde ficamos, são dez dias de viagem a cavalo e carro alentejano, com uma média de trinta e tantos kilometros por dia, de marcha. Estavamos no mato! Mas não o mato, como nós o julgavamos! São florestas imensas, constituídas por arvores altissimas com lindas variantes na tonalidade

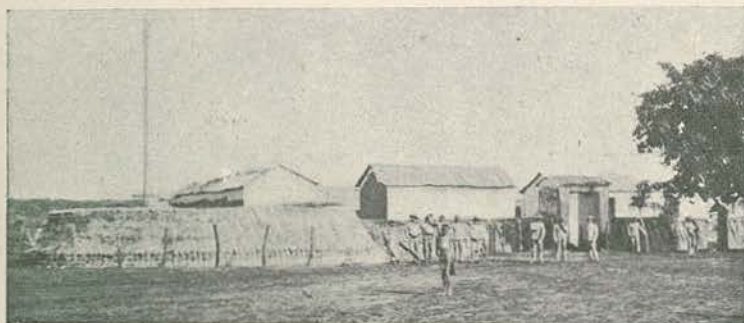


Passagem do rio synde

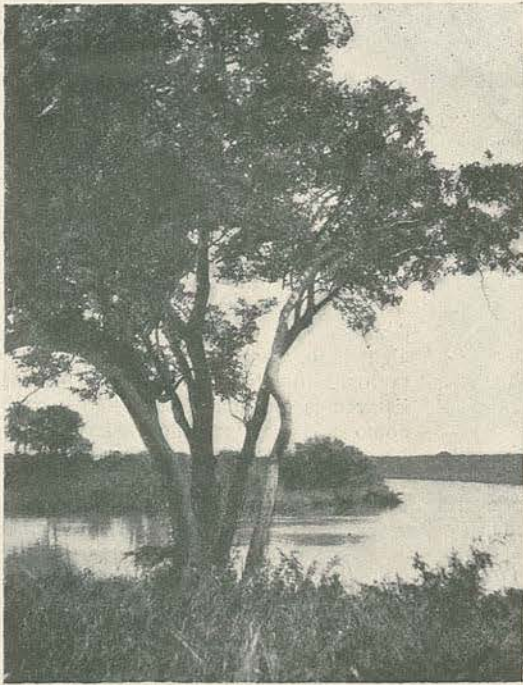
Lubango é bem uma vila portugueza, saudavel, alegre, cheia de sol, agua excelente duma nascente abundante, uma vegetação luxuriante. Nota-se a miseria e a maldriice dos nossos colonos madeirenses, que podendo ter tornado a vila uma terra invejavel sob todos os aspectos, já pela sua altitude, já pela sua fertilidade, se limitam a tirar da terra só-

travessia, mesino quasi impossivel na epoca das chuvas, como a que atravessamos, vendo-nos obrigados a construir pontes com os carros alentejanos afim de passarem as tropas e bagagens. Nem um barco, nem uma ponte construida!

Durante todo o trajecto o nosso soldado alentejano mostrou-se resistente como nenhum outro Chegavam a ter que



Fortaleza de Capelongo



A confluência dos rios Synde e Cunene.



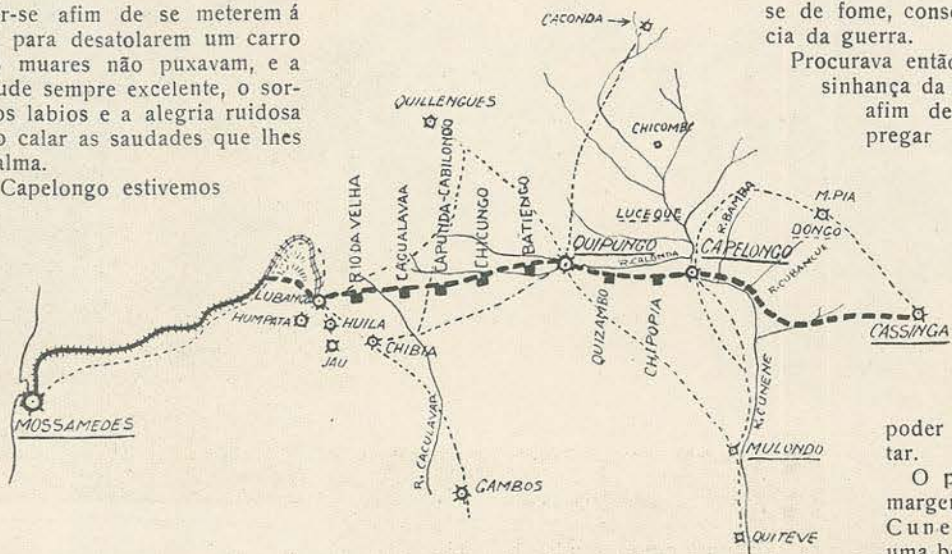
A missão da Huila.

despir-se afim de se meterem á agua para desatolarem um carro que as muares não puxavam, e a sua saúde sempre excelente, o sorriso nos labios e a alegria ruidosa fazendo calar as saudades que lhes iam n'alma.

Em Capelongo estivemos

de fome, consequencia da guerra.

Procurava então a visinhança da fortaleza afim de se empregar para se



Mapa da região atravessada pela coluna (o traço grosso Interrompido indica o itinerario).

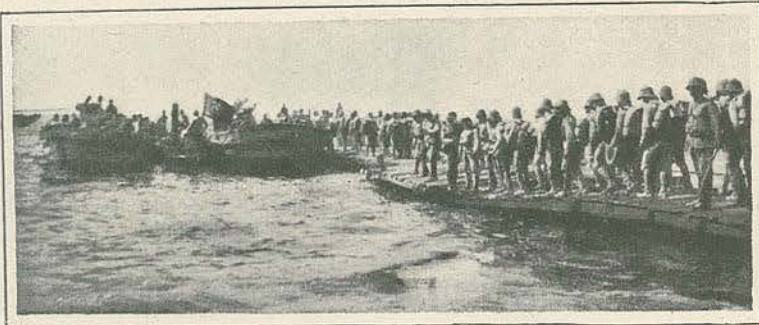
a maior parte dos mezes que passamos em Africa.

O gentio mostrou-se sempre docil e submisso ás autoridades militares.

Quando chegamos, atravessava ele uma fa-

poder alimentar.

O porto, na margem do rio Cunene, tem uma boa situação, especializando o hospital que num local mais elevado estava bem instalado (para mato). Quatro barracões cobertos de capim constituíam as enfermarias, mais dois para farmacia e arrecadação, e eis o



Na praia de Mossamedes.— O embarque das forças para o vapor «Portugal.»



Atravez dos matos. — Uma passagem difícil.

hospital. O material era bom, parte pertencente aos hospitaes desmontaveis que tinham vindo do Cabo no tempo da coluna.

Todas as praças se deram excelentemente, apesar de ser pessima para elas esta estabilidade de mezes consecutivos no mesmo local. São preferiveis, sob o ponto de vista sanitario, as marchas e os destacamentos de tempos a tempos.

A região, como todas as circunvisinhas, é rica em gados, principalmente, surpreendente em fertilidade e possui excelentes madeiras.

As margens do Cunene são lindas; pena é que não esteja tudo cultivado e que o rio seja tão perigoso pela abundancia de crocodilos que existe.



2. Duas pretas de Capelongo transformadas em senhoras. — 3. Os sobas e regulos da região de Capelongo. — 4. Indigenas de Capelongo pisando milho

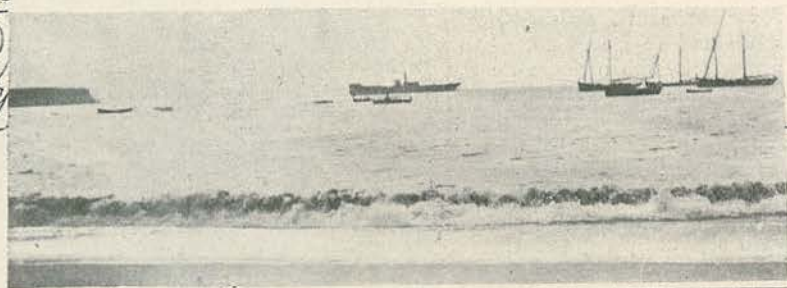


Batuque de pretos.

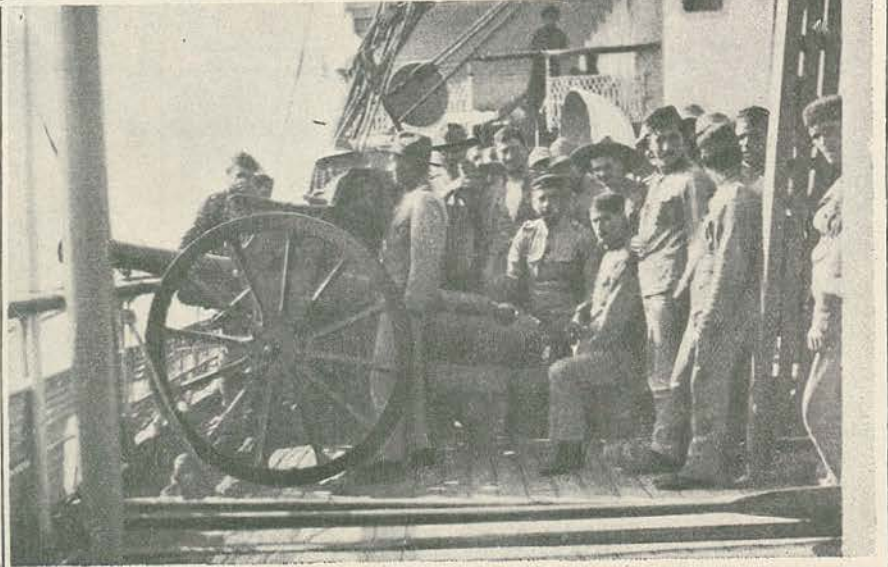
faltava: bom clima, família e patria.

Antonio Luazes.

Tenente-medico.



Passamos aí os nossos melhores mezes d'Africa. Trabalho não faltava; era uma vida simples, só em contacto com a natureza, sem convivência e preconceitos de sociedades definhadas, alimentação o mais simples possível e o espirito leve só preocupado com a ideia de nos auxiliarmos o mais possível uns aos outros para vencermos tudo o que nos



2. O vapor *Coimbra* na baía de Mossamedes. — 3. A defeza do vapor *Portugal* contra os submarinos.



O NOVO LIVRO DE JULIO DANTAS "MULHERES."



O novo livro do dr. Julio Dantas dá-nos, talvez como nenhum outro, a linha inconfundível da sua individualidade literaria, que se impõe tanto pelo talento e pelo saber como pela singular probidade do seu trabalho. E' difficil encontrar outro escritor que reuna mais alta preparação científica, mais riqueza e elegancia de linguagem a um temperamento artistico e a um espirito de observação tão rapido e seguro. Por isso todos os assuntos, ainda os mais debatidos, revestem feições inteiramente novas e palpitantes sob a magia da sua pena e as figuras mortas do passado resurgem ao calor vivificante com que ele sabe desenterrar-as.

Não imaginem que *Mulheres* é um livro de historias ou de contos anedóticos que apenas falam á imaginação, á sensualidade, tendo, por conseguinte, uma limitada esfera de leitura e uma ação mais limitada ainda. Pelo contrario, é um livro precioso de ensinamentos para todos, homens e mulheres, quer tenham apenas coração para os sentir, quer mentalidade para os apreciar.

Em tres partes se divide o livro: *Mulheres de hoje*, *Mulheres de hontem* e *Para miss Kate ler*. Na primeira apresentam-se-nos uns poucos de problemas do coração feminino, postos com admiravel nitidez e estudados com raros recursos psicologicos. Se Julio Dantas não os resolve—nem ele se propõe a isso—facilita-nos o tiralhes as ilações moraes com uma delicadeza, respeitadora de toda a susceptibilidade. A mulher noiva com todos os seus sonhos a entrechocarem-se com as realidades, ás vezes bem duras, do lar domestico, a mulher esposa lutando entre os seus deveres e as tentações do meio, contra as quaes a sua indole e educação não constituem guarda segura, a mulher mãe que encontra nos filhos a suprema força para conservar a sua pureza, são outros tantos casos que, sob varias exemplificações, nos perpassam n'aquellas formosas paginas aos olhos embevecidos. A dedicação e o despreendimento, o amor e a frieza, o sacrificio e a indiferença, a inconstancia e a fidelidade, todas as virtudes e defeitos, que fazem da mulher um verdadeiro misterio, ali revolteiam como n'um caleidoscopio, sendo curioso que, tratando-se da mulher, de todos esses quadros magistraes ainda mais sobresaem os defeitos dos homens!

Nas *Mulheres de hontem* o illustre escritor evoca com rara intuição historica e com erudição nada vulgar varias figuras interessantes, sob aspetos aliás bem diferentes, como Santa Izabel, D. Catarina de Bragança, D. Carlota Joaquina, D. Izabel de Nemours, mu-

lher de Afonso VI e de Pedro II, seu irmão, a duquesa de Borzonha e outras, não esquecendo as *Amantes de D. Miguel* e *As Comicas do Bairro Alto*. Nunca o grave e o jocoso se diluiram tão proporcionadamente em bela prosa. Nunca em tão pequeno ambito se fizeram mover tantas personagens historicas, destacando se até as secundarias pelo seu contorno vivo e consciencioso.

Perguntando miss Kate Bergson ao dr. Julio Dantas como se chamava o seu novo livro e respondendo-lhe ele que se chamava *Mulheres*, a miss tornou a perguntar se era uma obra de historia natural, ao que o autor observou com o seu sorriso ironico mais delicioso que era um livro de psicologia feminina.

Miss Kate explanou então:

—Os livros de psicologia feminina, que os senhores fazem, não interessam nada as mulheres. São falsos desde a primeira até á ultima linha. Tenho lido centenas d'elles, — e não me encontrei em nenhum. Ainda ha-de vir o primeiro homem que faça a mais pequena idéa do que é uma mulher. Como querem os senhores falar de nós, — se não nos conhecem? O que ha de mudavel, de instantaneo, de fugitivo, de complexo, de delicado, de quasi divino na mulher, — escapa absolutamente á observação e á intelligencia do homem. Conhecem apenas a epiderme, — e imaginam que conhecem a alma. Ilusão! Se os senhores soubessem como são ridiculos quando nos explicam, quando nos analisam, quando nos interpretam! Dão-nos a impressão d'uma creança a apanhar uma sombra. Conseguem conhecer, quando muito, a cor dos nossos olhos, o tom da nossa pele, a luz dos nossos cabelos, tudo quanto é exterior, tudo quanto é grosseiro, tudo quanto é superficial, — e, ainda assim, quantas vezes se enganam! A mulher, meu amigo, ha-de ser sempre para o homem um misterio. No dia em que deixar de o ser—pobres dos senhores! — o nosso encanto acabou.



O sr. dr. Julio Dantas

E foi por isso que ele acrescentou mais um capitulo ao seu livro: *Para miss Kate ler*. Não lhe fala mais de mulheres, mas fala-lhe de assuntos não menos interessantes sempre no mesmo estilo fluente e gracioso, sempre com a mesma vivacidade e sabor erudito. Traça-lhe os perfis gloriosos do dr. Francisco Beirão e do pintor Ramalho, recomenda-lhe dois livros de grande valor, como sejam o *Fumo do meu cigarro*, do dr. Augusto de Castro, e *Mudança d'ares* do dr. Samuel Maia, descreve-lhe um passeio submarino no nosso *Espadarte*, o aspéto imponente da divisão Pereira d'Eça desdobrada pelos historicos campos de Torres a Peniche, trata em suma, de varios outros assuntos de caracter genuinamente nacional com o amor entranhado de um portuguez e com o carinho de um verdadeiro artista.

A. M. de F.



Exposição de escultura

A exposição encerrou-se já, e o sr. Diogo de Macedo pode considerar-se feliz com o êxito da sua primeira visita artística a Lisboa: passaram diante dos seus vinte magníficos trabalhos todos os que têm, na primeira cidade do país, categoria artística, mental e social;



dou no Porto e em Paris. Da primeira d'essas escolas participam propriamente os seus largos recursos técnicos; da segunda, a expressão moderna e de superiores interesses mentais da sua escultura. Ver os seus trabalhos somente com os olhos da cara

Canticos místicos na penumbra

n'uma primavera seria apenas



Beethoven



O escultor sr. Diogo de Macedo



Camilo Castelo Branco

ra interessantíssima de *toilettes*, admirou-se a primeira sociedade de Lisboa; finalmente, por proposta do nosso maior pintor, o grande Columbano, o Museu de Arte Contemporânea adquiriu, em homenagem ao expositor ilustre, um dos seus notabilíssimos trabalhos: *Niña de Velasques*.

Diogo de Macedo é moço. Vinte e poucos anos. Estu-

admirar o artista nos seus recursos de execução; mas fixal-os por meio das nossas faculdades inte-

le uaes e dentro das exigências da análise moderna é conhecê-lhes a sua única intenção e o seu maior encanto — a razão única, cremos, do seu incontestável triunfo! Foi assim mesmo que Lisboa admirou a notável exposição instalada na Liga Naval Portuguesa.



Noite do Calvario



Perfil de misterio

O VELHO MUNDO EM GUERRA

Continua a falar-se de paz, mas, quanto mais se fala, mais longe parece estarmos d'ela; e, coisa curiosa, talvez os que a versam com maior calor nunca se vissem tão perto da guerra.

O reconhecimento da parte dos aliados da necessidade de uma ação profunda, pronta e energética, levou em Inglaterra Lloyd George á presidência do governo e convenceu em França mr. Briand a reconstituir o seu ministerio, cercando-se de homens de prestigio e de ação, como o general Lyautey, o grande espirito de organização e de disciplina, afir-



O general Lyautey, novo ministro da guerra francez

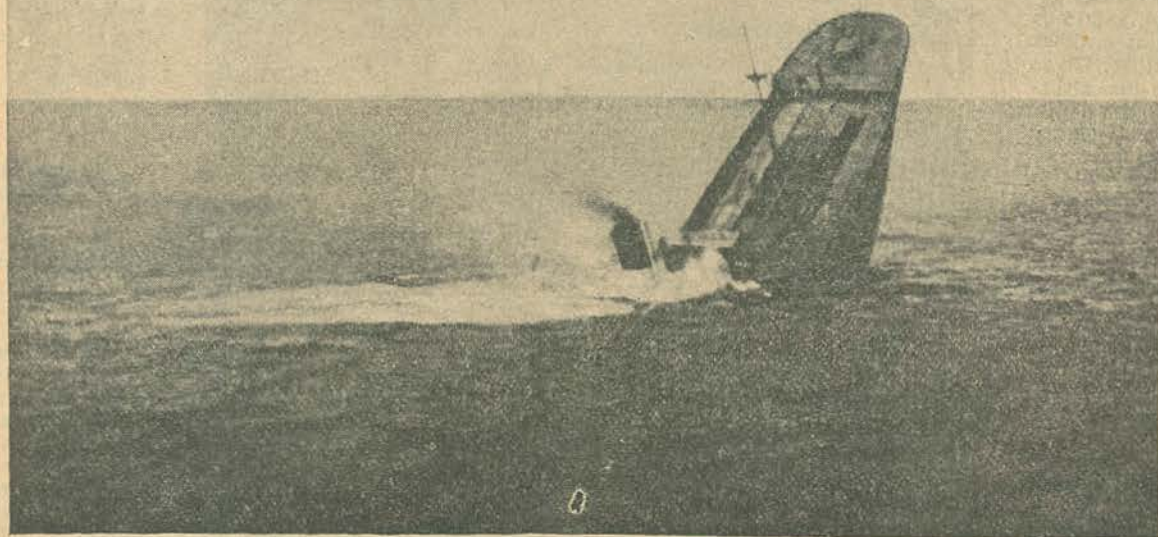
mado em Marrocos. Formaram-se ao mesmo tempo «comités» para tornar ainda mais rápida e eficaz a execução de todas as medidas de momento.

Não lhes faltavam já ha muito armas, munições e homens para irem de triunfo em triunfo até á vitoria final; estavam bem preparados para a guerra e sabiam fazel-a. E é exactamente, quando eles surgem com estas novas organizações n'um conjunto formidavel de forças, que a Alemanha vem com as suas propostas de paz, que mais parecem, pelos seus artifi-



No Somme.—Bateria franceza de 120 em fogo

(Clché Branger).

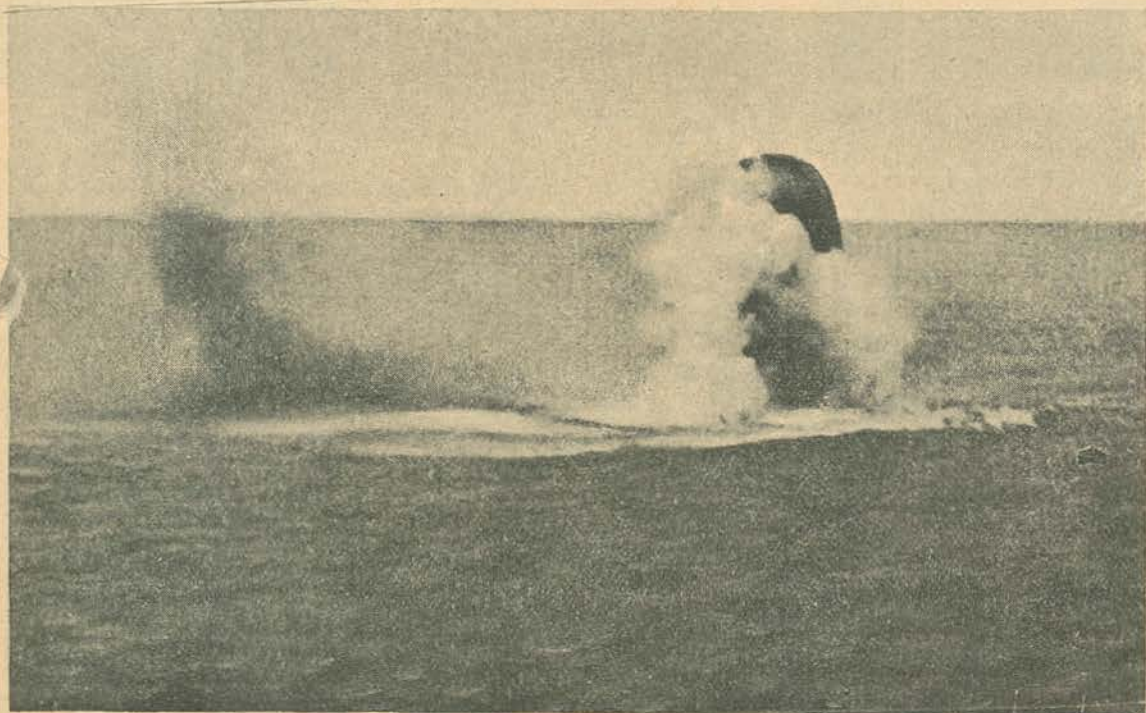


Como um navio mercante inglês se afunda de prôa no alto mar, torpedeado sem aviso previo por um submarino alemão.

cios, uma manobra perfida das muitas que caracterizam os seus processos de guerra! Em geral, foi logo tão bem descoberto este jogo ardiloso que a nota do presidente Wilson sobre a paz nem chegou a ser apreciada no que podia ter de sincero e de não combinado com a proposta alemã.

No fundo, esta proposta não passa de um pedido, de que se procura com subterfugios atenuar a fei-

ção humilhante. A Alemanha, que tanto blasonou de que a paz seria imposta por ela, acaba de a pedir n'um momento em que o seu militarismo ainda n'ó está bem aniquilado com todas as suas ambições, para lhe garantir a estabilidade. E' preciso que os aliados lhes dêem o golpe de misericórdia, e hão-de dar-lho. Só então será possível uma paz duradoura.



Uma explosão, que se dá a bordo, vem acabar a obra criminosa da pirataria alemã
(The Illustrated London News).



Editor: ALEXANDRE AUGUSTO RAMOS CERTÁ

REDAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS—RUA DO SEculo, 43—LISBOA

A resposta da Belgica



A Alemanha — Se não negocias a paz comigo, em separado, arrazo-te completamente !

A Belgica, (apontando para a sombra de Cambronne) — Faço minhas as palavras do orador que me precedeu...

PALESTRA AMENA

Por ordem alfabetica

Ora até que enfim vai-se sabendo lá por fóra que existe no ocidente da Europa um paiz que se chama Portugal e que esse paiz não faz parte da Hespanha. Desde que a Republica se im plantou, começou a esboçar-se essa ideia; vieram aí varios delegados dos jornais europeus e, depois de curta demora, regressaram quasi convencidos de que Portugal e Hespanha eram dois paizes diferentes, pois que não fazia sentido que uma só nação fosse ao mesmo tempo republicana e monarquica.

Com a declaração de guerra, mais essa ideia se radicou por esse mundo além. Como se compreenderia que uma nação fosse simultaneamente beligerante e neutral, o que aconteceria se a peninsula iberica fosse constituída por uma nacionalidade unica?

Mas o que veiu definitivamente emancipar-nos da continuidade politica, que se confundia facilmente com a geografica, foi a efetivação da cooperação portugueza no conflito europeu, ao lado dos soldados francezes e ingleses; e o reconhecimento da nossa individualidade acha-se consagrado desde agora na lista das nações que responderam ás perguntas de paz da Alemanha, pois que essa lista inclue Portugal, figurando na sua devida altura—por ordem alfabetica, como com legitimo e patriótico orgulho acentuam os jornais sérios. De modo que estamos primeiro do que a Russia, pela raz o da letra P aparecer no alfabeto antes da letra R e se estamos depois da Inglaterra, Belgica, França e Italia não ha motivo para culpar senão quem batisou Portugal com uma inicial tão adiantada na ordem dos caracteres latinos, sem prevêr consequencias politicas.

A diplomacia dos aliados, que nem sempre tem feito boa figura—permitam-nos a confissão—d'esta vez por tou-se sabiamente, evitando complicações e melindres. Se diferente tivesse sido a base da ordem, na lista, é possível que Portugal antecederesse outras nações, mas não faltariam invejas, que assim não tem razão de ser. Foi esta, sem duvida alguma, a melhor solução, pois que ninguem se pôde dar por ofendido: o P está no logar que lhe compete e por muita importancia que tenham a Russia e a Romenia, o remedio é revesti em-se de paciencia.

B.m. Resolvída assim uma parte do problema politico, vamos agora a vêr em que ordem ficamos quando se fizer a paz, quanto a deveres e a direitos, a serviços prestados e recompensas a receber. Também figuraremos primeiro do que a Russia, por exemplo? Dar-nos-hão compensações, relativamente, superiores a Constantinopla?

Não o ousamos esperar, mas estamos em que a diplomacia ha-de também encontrar n'essa ocasião maneira de não nos prejudicar, pelo menos estabelecendo a lista por uma ordem que não melindre.

Assim seja.

JOSE NEUTRAL.

Opiniões

Tal como previamos, a peça do sr. Jaime Cortezão, *O Infante de Sagres*, semelhantemente ao que aconteceu á do sr. Rui Chianca, *Aljubarrota*, começa a levar pancadaria como um tambor n'uma festa. E' verdade que também começa a ser elevada aos carrapatos da lua, mas se dermos balanço, talvez o resultado não penda para o lado da apoteose.

Damos, em seguida, as opiniões mais curiosas que nos tem chegado aos ouvidos.



Do nosso barbeiro:

—Não gostei.

—Mas por quê?

—Ora! porque mete muitos frades!

Entre mancebos:

—Então quem te encheu as medidas, no *Infante de Sagres*?

—O futuro D. João segundo...

Entre patriotas:

—Gostaste?

—Gostei. Não ha duvida de que as figuras dos navegadores são de portuguezs ás diretas.

—E' verdade! que valentia!

—Vê lá se eles faziam caso dos submarinos!

Novo ministerio

Em Inglaterra vai ser criado um novo ministerio: o da aviação, o que nos dá a esperanza de em breve termos ministerio semelhante, porque nunca deixamos de imitar o que se faz lá fóra.

Está aqui está o sr. João Gouveia ministro da aviação—se o sr. Antonio José não quizer acumular.

Munições de guerra



Telegrama do Rio de Janeiro: «A exportação de feijão para a Europa, este ano, é calculada em mais de 5:000 toneladas.»

E ainda os beligerantes se queixam de falta de explosivos!

A princeza Maria Ressina

A historia já foi contada pelo nosso mano mais novo, o *Século*, edição da noite, mas como ha pessoas que só lêem o *Século Comico*, não nos levariam a bem que as deixassem na ignorancia de tão estranho caso.

Viajando a princeza Maria Ressina em territorio dinamarquez, com destino á Alemanha, viu-se obrigada a entrar n'um gabinete publico, de *toilette*, para satisfazer certa necessidade, e ali, como o ace o não fôsse muito, sentouse n'um jornal, na ocasião de operar.

Na fronteira alemã foi revistada por uma apalpadeira, que a examinou por todos os lados, incluindo o de traz. De subito a mulhersinha deu um grito e chamou dois fiscaes, que se puzeram também a examinar a princeza na referida parte, verificando que ela tinha impressas na pele algumas palavras em lingua desconhecida.

Poi sua vez os fiscaes chamaram um fotografo e as redondezas principescas foram fixadas pela fotografia para serem decifradas por pessoa competente. Por fim, tudo se esclareceu, reconhecendo-se que Maria Ressina não era espia, mas apenas uma senhora que se não tinha lavado convenientemente, por falta de agua.

E agora venham para cá apontar nos os paizes do norte como modelos de acao, em detrimento do nosso! Por mais descuidada que seja a hygiene em Portugal, podemos jurar que nunca vimos caracteres tipograficos em fundo de costas de princezas!

O LIVRO BRANCO



Zé Povão:

—Afinal de contas, tanto se me dá que o Livro Branco contenha todos os documentos relativos á nossa participação na guerra, como não. Como não sei ler...

Fêmeas

Levantaram-se duvidas na imprensa franceza sobre a designação que devia ter de futuro a esposa do marechal Joffre, mas por fim concordou-se em que seja tratada por «marechala».

Também estamos de acordo e ainda bem que o substantivo se presta a uma forma feminina aceitavel. Já o mesmo não diríamos se o Joffre fôsse cabo, sargento ou alferes; como havíamos de chamar á mulher? *Caba, sargenta, alferesa?*

E' para resolver estas e outras duvidas que existe o sr. Candido de Figueiredo. Tem a palavra.

O decreto do gaz

No principio do mez:

— Maria!

— M' nha senhora!

— Olhe que eu não quero que se gaste mais de setenta por cento de gaz que se gastou n' esta casa em igual mez do ano passado!

— Sim, minha senhora.

— Olhe: aqui tem a nota do ano passado. Duzentos metros: logo, este mez só deve gastar cento e quarenta.

— Sim, minha senhora.

No fim do mez. A ama, desesperada:

— O' Maria! que pouca vergonha é esta! Gastaram-se tresentos metros de gaz!

— Não pôde ser.

— Qual não pôde ser? é o que acusa o contador.

— Porque está estragado.

Tirando uma fita metrica da algebeira e um papelinho:

— Olhe, minha senhora: todas as noites medi as chamas com o metro. Nem chega a cincoenta metros...

O empregado da companhia, para o dono da casa:

— Aqui está a conta do ano passado. Em janeiro gastou dois metros. Este ano só pôde gastar um metro e quarenta centímetros...

— O' sr. empregado! Em janeiro do ano passado só gastei dois metros porque estive na provincia desde o dia 2 ao dia 31...

— Não queremos cá saber. Querem vêr que você é germanofilo?

O Marques, raciocinando:

— Por mais que me digam este decreto não resolve coisa nenhuma. Que se deseja? poupar o carvão. Que se resolveu: diminuir o consumo do gaz. Logo, o que estava indicado, é que se usassem fogões a gaz, em lugar de fogões a carvão!

Livros, livrinhos e livrecos

Como prometeramos na semana anterior, transcrevemos hoje algumas belas estrofes do *Pintasilgo morto*, da autoria do sr. Augusto Dias de Figueiredo Quedes e Castro, poeta e tesoureiro da Fazenda Publica em S. Cosme (Gondomar).

Aí vão:

Além na verte latada,
N'uma galola encarnada
Uma gentil avestã
Saltita em louco alvo-oco
Ao vêr garfala pequ'nita
Trazer-lhe o frugal almoço.

Mas—oh! grande lamba eirol—
Esses saborosos bolos
Que a mãe havia-lhe dado
A pequena os comeu todos
Sem deixar nenhum bocado
A' moíha prisioneira.

Seguem-se os queixumes do infeliz pintasilgo, vitima da guloseima da pequ'nita, que se apoderou dos bolos que a mãe havia-lhe dado. Depois a tragedia em toda a sua crueza:

EM FOCO



Wilson

Com que então quer a paz, vossa excellencia?
Tambem nós a queremos, é sabido;
Se trazemos a guerra no sentido
Não é por diversão nem por demencia.

Da sua boa fé n' esta emergencia,
Da sua lealdade não duvido,
Mas não sabe o que tem acontecido
Ou já não tem memoria nem paciencia.

Venha até á Europa de passeio,
Saborear o pão que foi de trigo
E agora é serradura com centeio,

Ovos a doze vintens (o preço antigo)
Pagar a seis tostões ou seis e meio
E fale então de paz, meu caro amigo!

Belmiro,

Mimi chorava: «Que tens tu qu' r' d'inha?»
Pergunta a mãe ao vêr seu desconforto.
Em seguida a creança abre a mãozinha
Mostrando n'ela um las: arinho morto.

Lamentações, palavras de consolação
que parte da mãe e a confissão da culpada:

Tu sabes esses bolos que eu pedi
E que eram uma tão parca ração?
Gulosa eu comi!
E ele então com fome a par, a par
N'um triste langor
Cafu para o la-lo em tal estertor
De fazer chorar...

Já agora diremos que o lindo conto é oferecido á menina Berta, para que dele extraia a competente moral, e que conclue por estes deliciosos versos:

Mais tarde tu pela existencia fóra
Não 'squeças este conto de inda, agora
(De saudavel lição simples e austera)
Dando inefave's, filiaes carinhos
Per'las que a alma pura sempre gera
A teus segundos pais e teus padrinhos.

Bravo!

Não é possível darmos noticia de todos os poemas patrióticos que nos chegam de todos os recantos da provincia. Desculpem-nos os poetas, que fa-

riam o mesmo se dispuzessem de tão pouco espaço como nós.

Por hoje, noticiamos apenas o aparecimento do *Forugal*, do poeta de Chaves, sr. Adriano Coimbra, transcrevendo os versos finais:

Oh Lusitania! Oh minha menina e moça!
Dona, exa tando todo o meu ardor,
Quero que vivas orgulhosa e grande!
Rasza-me o peito, se preciso fôr,
Oh Lusitania de Afonso Henriques,
Oh! minha Patria! Oh meu eterno amor!

Esperamos que não seja necessario que a Lusitania rasgue o peito ao sr. Adriano Coimbra. Evidentemente perder-se-ia uma pessoa de merecimento.

Tesura

Nota um jornal, e não nota mal, que o decreto anti-iluminativo tem um feitiço aggressivo para o publico, como quasi todos os decretos ultimamente promulgados. Parece, realmente, que se trata de imposições a inimigos.

Pois sim, mas o governo bem sabe com quem lida; se não ameaçar não ha meio de se cumprir as leis. E' verdade que mesmo ameaçando pouca gente as cumpre, mas uma redacção tesa sempre produz certo efeito nos espiritos timoratos.

Aí, valentes!

Bocage e os medicos

Certos de que os leitores nos agradecerão, aí vão alguns versinhos de Bocage, pessoa de algum talento:

I

Um velho caiu de cama.
Tinha um filho esculapino,
Que para ad vinhações
Campava de ter bom tino.

O pulso paterno apalpa
E receber depois vae.
Diz-lhe o velho suspirando:
— Repara que sou teu pae.

II

Chiron foi medico insigne,
Segundo nos livros acho;
Porém cavallo o descrevem
Da cintura para baixo.

Doutor, em nada o semelhas;
Ele foi besta nos pés,
Nas ancas, mãos e costado:
Tu só na cabeça o és.

III

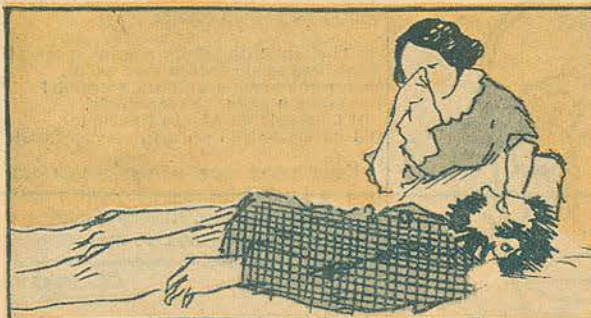
Bojudo farmacopola
De cangalhas no nariz
Lia um papel dos que a gente
Pregam em vasabarris.

O papel era receita,
Isto bem se deixa vêr:
Eis o algoz dos paladares
A molestia quiz saber.

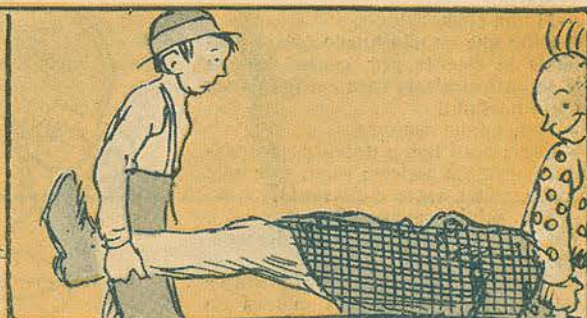
Soube-a pouco mais ou menos
E exclama um tanto impaciente:
— O medico alucinou-se,
Com isto sara o doente!

Regeneração do Matacães e da sua quadrilha

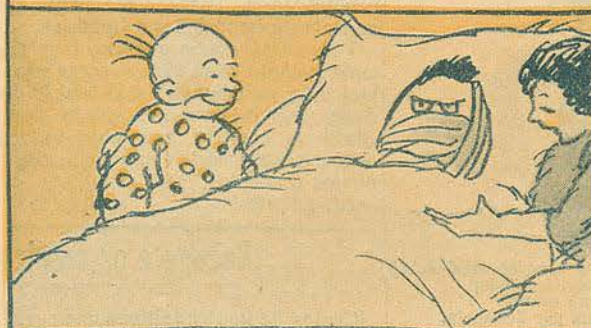
(Continuação)



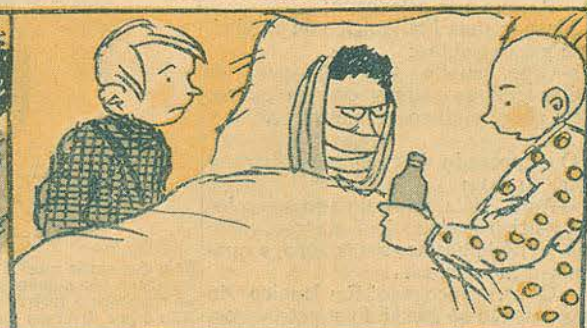
1.—Vendo o pae sem movimento,
Feito n'um môlho, no chão,
A Aninhas suspira ao vento
Que até corta o coração



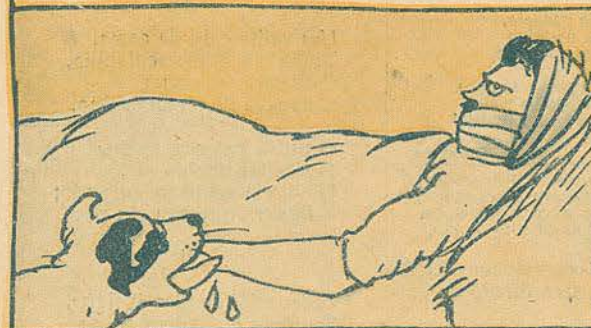
2.—O Manecas comovido
Chama o irmão e depois
Lá transportam o ferido
Para a choupana dos dois.



3.—Na própria cama dos manos
O Matacães é deitado
E das ofensas e danos
Prontamente perdoado.



4.—Dão-lhe poções da botica,
Põem-lhe papas e pensos,
Nas chagas deitam arnica,
Teem cuidados imensos.



5.—E o proprio cão, o *Piloto*,
Vai lamber-lhe as mataduras
Esquecendo que o maroto
Lhe cubicara as fre suras!



6.—Matacães, emfim, curado,
Reune os seus e descreve
Um proceder tão honrado,
Aos dois manos quanto deve.



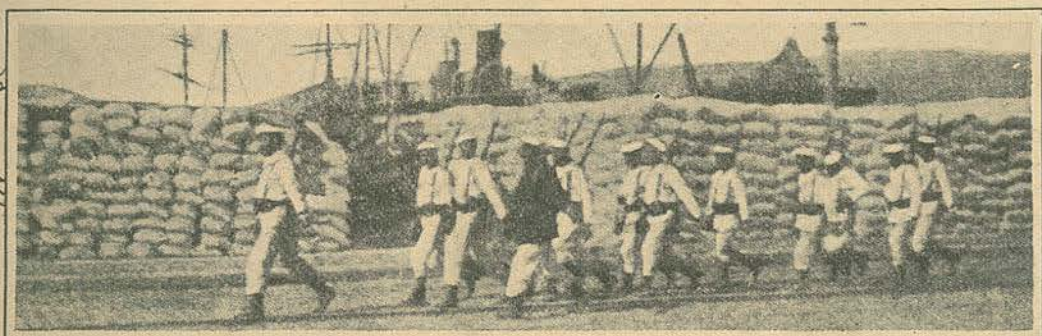
7.—Então os ex-salteadores
Arrependidos, serenos,
Compram brinquedos e flôres
Para brindar os pequenos.



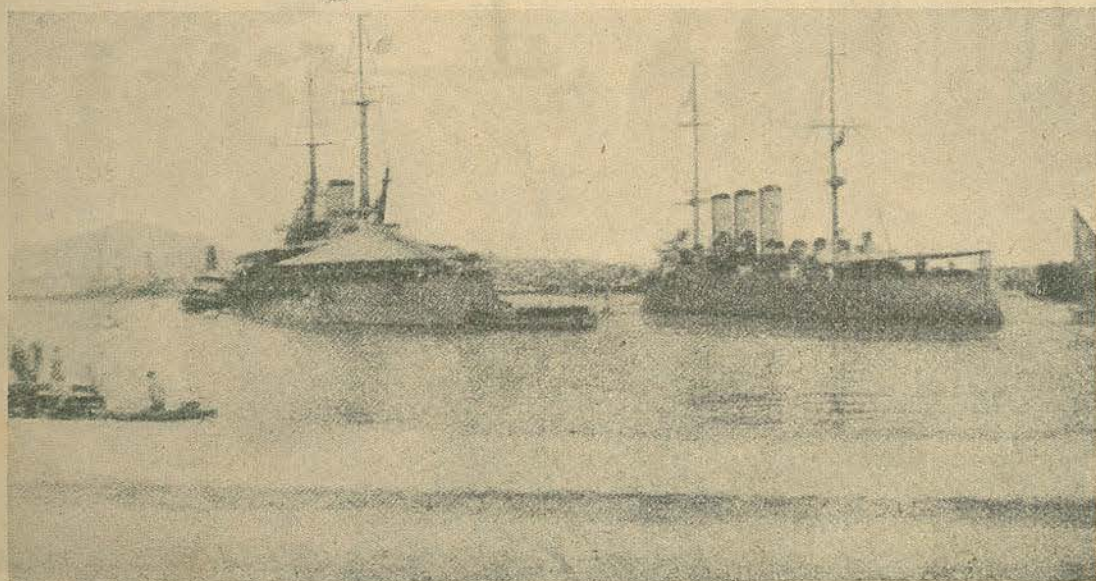
8.—Festejando a conversão
Houve tão linda *soirée*
Que até o demo do cão
Dançou o sarlicôté!



Vista geral do porto de Pireu, onde tiveram grande repercussão os acontecimentos da Grecia



Uma patrulha de marinheiros francezes exercendo a vigilancia no porto de Pireu



O couraçado francez *Provence* e o cruzador *Libia* no porto de Pireu

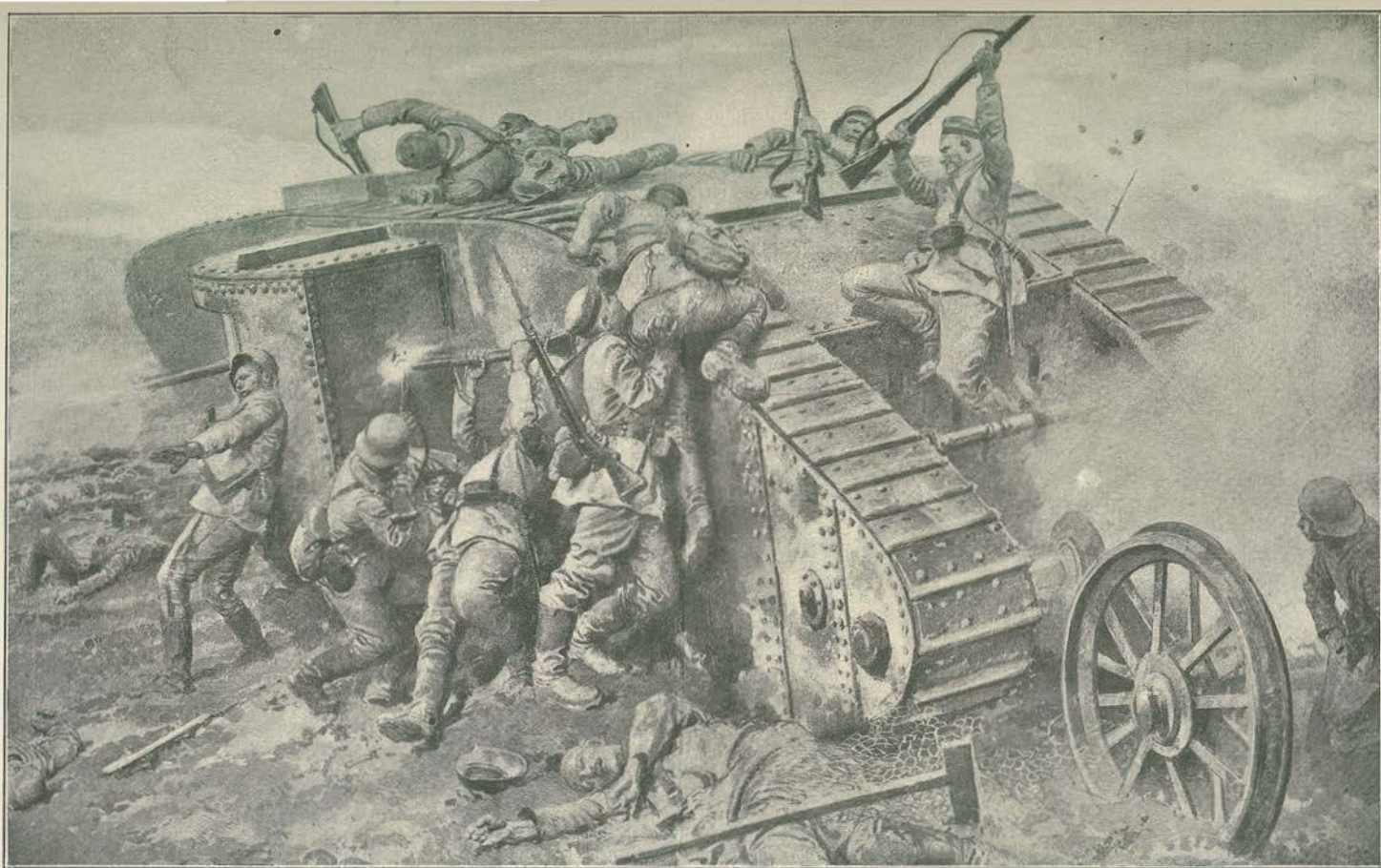


Os repatriados dos departamentos do norte da França.—Entre um montão de sacos duas creanças esperam a volta de suas famílias para proseguirem a viagem.



Os repatriados dos departamentos do norte da França.—Um aspecto da gare de Annemasse

(Clodés Branger)



Um Tank, essa poderosa maquina Inglesa de guerra, depois de um assalto vitorioso contra as trincheiras Inimigas, faz alto para sofrer umas reparações. A infantaria inimiga salta sobre ele, procurando arrombal-o, mas é repellida pelo fogo das metralhadoras e capturada por um contingente Inglez que veu em socorro.

(The Sphere).

DUAS GLORIAS MILITARES DA FRANÇA



O general Joffre, vencedor do Marne e do Yser, elevado a marechal da França.

O nome de Joffre é hoje universal. Não ha ninguém que o não conheça, que o não admire como o simbolo mais puro do patriotismo, da valentia e da ciencia da guerra. E' ele que tem detido a marcha invasora dos alemães no seu paiz, destacando-se as duas avançadas terribéis no Marne e no Yser em que o inimigo contava, mercê das suas espantosas forças reunidas, galgar a barreira humana que se lhe opunha e talar o resto do territorio da França.

Sobre proposta do governo francez, o presidente Poincaré nomeou o general Joffre marechal de França, alta dignidade que estava suspensa, e que reviveu agora com todas as suas tradições gloriosas para galardoar o valor e os serviços d'esse homem extraordinario. O ultimo marechal foi Leboeuf, nomeado em 1870. Uma lei de 1875 conservou na hierarquia o titulo de marechal de França, mas consignava que outra lei ulterior fixaria as condições em que esse titulo poderia ser concedido; mas tal lei nunca mais apareceu.

Elevado á mais alta dignidade militar o antigo comandante dos exercitos do norte e do nordeste, foi escolhido pelo governo para successor de Joffre n'esse cargo o general Nivelle, nomeado por decreto do presidente da Republica. O novo comandante tem já uma larga folha de serviços, assinalando-se sobre tudo pela admiravel preparação do ultimo ataque em Verdun contra os alemães, que sofreram uma das suas derrotas mais monumentaes. De justiça é dizer que foi o general Pétain quem dirigiu as operações e o general Maugin quem levou as tropas ao assalto, aos quaes a «Ilustração Portuguesa» já teve occasião de prestar homenagem.

Joffre, ao transmitir a Nivelle os poderes de comandante em chefe dos exercitos do norte e nordeste, felicitou-o vivamente pela sua promoção, trocando-se entre ele e o vencedor do Marne efusivas provas da mais nobre camaradagem.



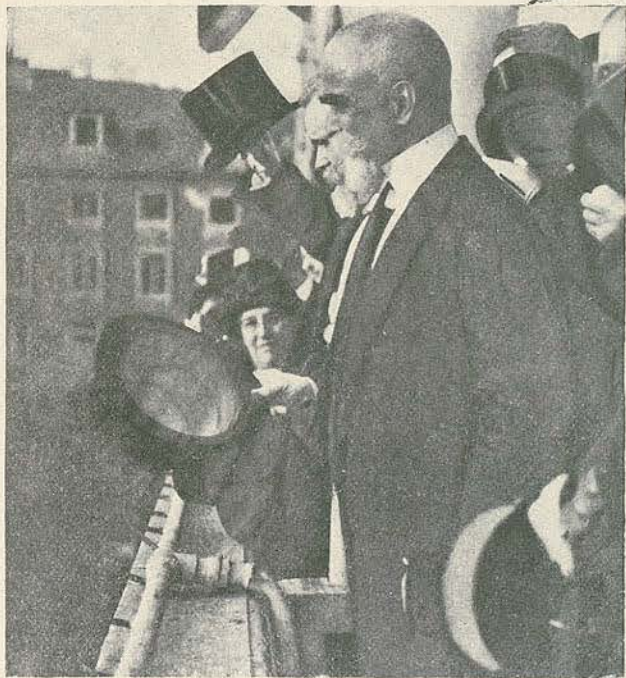
O general Nivelle, nomeado comandante em chefe dos exercitos do norte e do nordeste.

ANO NOVO

Foram muito animadas as festas do primeiro dia do ano. Animou-as um dia lindissimo de sol e a esperança de que 1917 restituiria a Europa á sua paz de tantos anos. Não os animou tambem pouco o interesse que em geral se está notando entre nós pela nossa situação interna e externa e que tem operado uma apreciavel aproximação dos espiritos.

Tanto a recepção presidencial no paço de Belem, como as visitas do chefe do Estado ao Congresso e a Camara Municipal ficaram assinaladas este ano por uma concorrência e por um brilho que excederam os dos anos anteriores. Em Belem, não foi só o corpo diplomatico e oficial que compareceu em grande numero, foram muitas corporações e individualidades de destaque que apresentaram espontaneamente ao chefe do Estado e as instituições que ele representava as suas homenagens de respeito e simpatia.

No palacio do Congresso tambem teve um alto significado a recepção feita ao sr. presidente da Republica pelo governo e pelos parlamentares das duas



O sr. dr. Bernardino Machado, presidente da Republica, agradecendo das Janelas do Paços do Concelho a grandiosa manifestação.



Os manifestantes no largo do Pelourinho, em frente da Camara Municipal

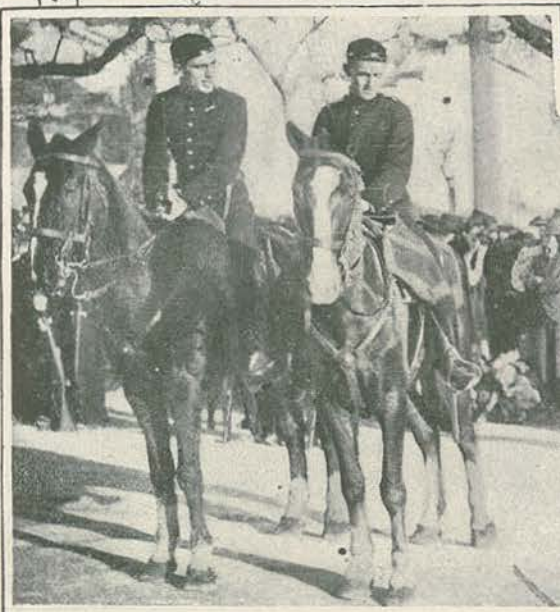


camaras. Pela Avenida das Côrtes, Rua 24 de Julho e Aterro estacionavam em parada varios regimentos das forças de terra e corpos de marinha sob o comando do general sr. Pereira d'Eça. O povo não se cansou de admirar e vitoriar os nossos soldados.

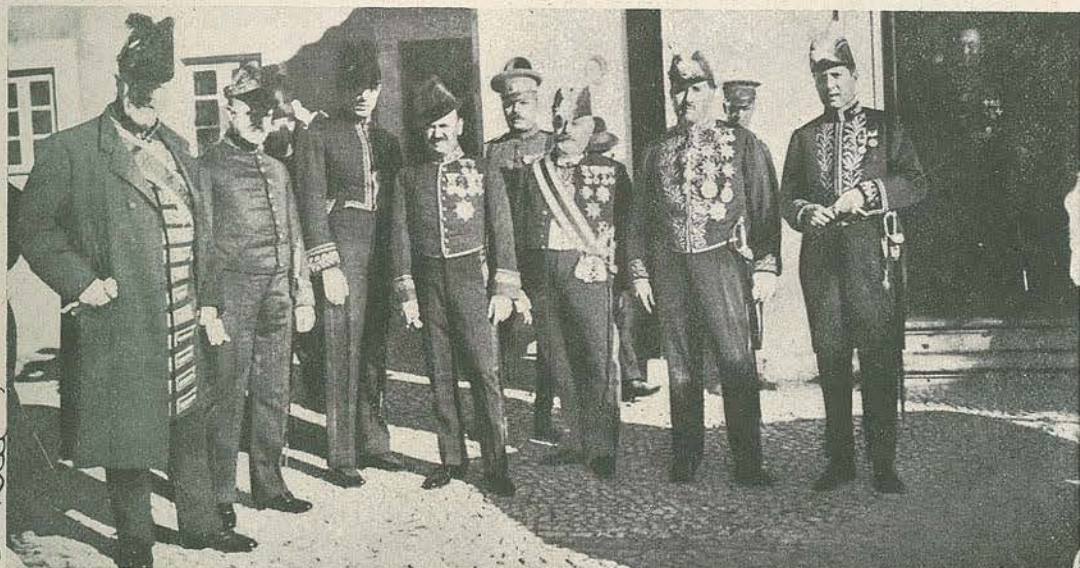
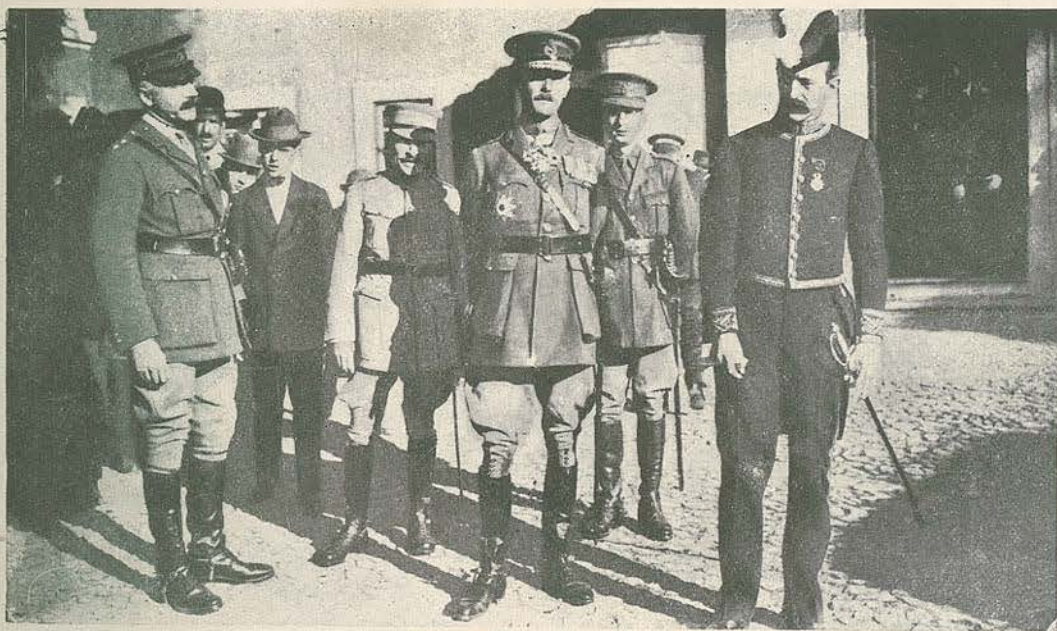
Nos paços do concelho, porém, como era natural, [foi onde a festa do primeiro do ano revestiu o seu aspecto mais popular. A Praça do Municipio estava apinhadissima de povo, assim como as ruas do Arsenal, S. Julião e Comercio. Toda essa multidão imponente soltou vivas á



O sr. ministro da America em Belem.



1. Os srs. ministros da Inglaterra e da Belgica no jardim do paço de Belem.—2. O sr. presidente da Republica e o chefe do governo, sr. dr. Antonio José de Almeida, chegando ao edificio do parlamento.—2. Os alunos do Colegio Militar que fizeram a guarda de honra ao palacio das Côrtes



Patia e á Republica ao chegar o sr. dr. Bernardino Machado e, quando ele, depois da recepção nos paços do concelho, atulhados de homens e de senhoras, chegou á varanda para agradecer, não se descreve o entusiasmo, e delirio com que o povo o acolheu.



1. O general Barnardiston e os officiaes da missão Inglesa com o capitão de estado maior sr. Matias de Castro e ministro da Franca.—2. Os membros do corpo diplomatico, salndo da presidencia da Republica depois da recepção.—3. A' saída do Congresso: O general sr. Perelra d'Eça, comandante das forças que tomaram parte na grande parada.—(Clichés Benollel).

"O Infante de Sagres"

DRAMA HISTORICO DE JAIME CORTEZÃO

Bem andou o ilustre empresario sr. Visconde S. Lulz Braga em ter posto em cena, com o rigôr historico que exigia, o belo drama de Jaime Cortezão «O Infante de Sagres.»

Demonstrou assim o ativo administrador-gerente da nossa primeira companhia de declamação o muito apreço que sempre dispensou á gente moça de talento, e n'este numero veio enfileirar com suprema galhardia o poeta autor dos cinco atos do «Infante de Sagres.»



O poeta Jaime Cortezão



Visconde de S. Lulz Braga



Ferreira da Silva, no «Infante de Sagres»

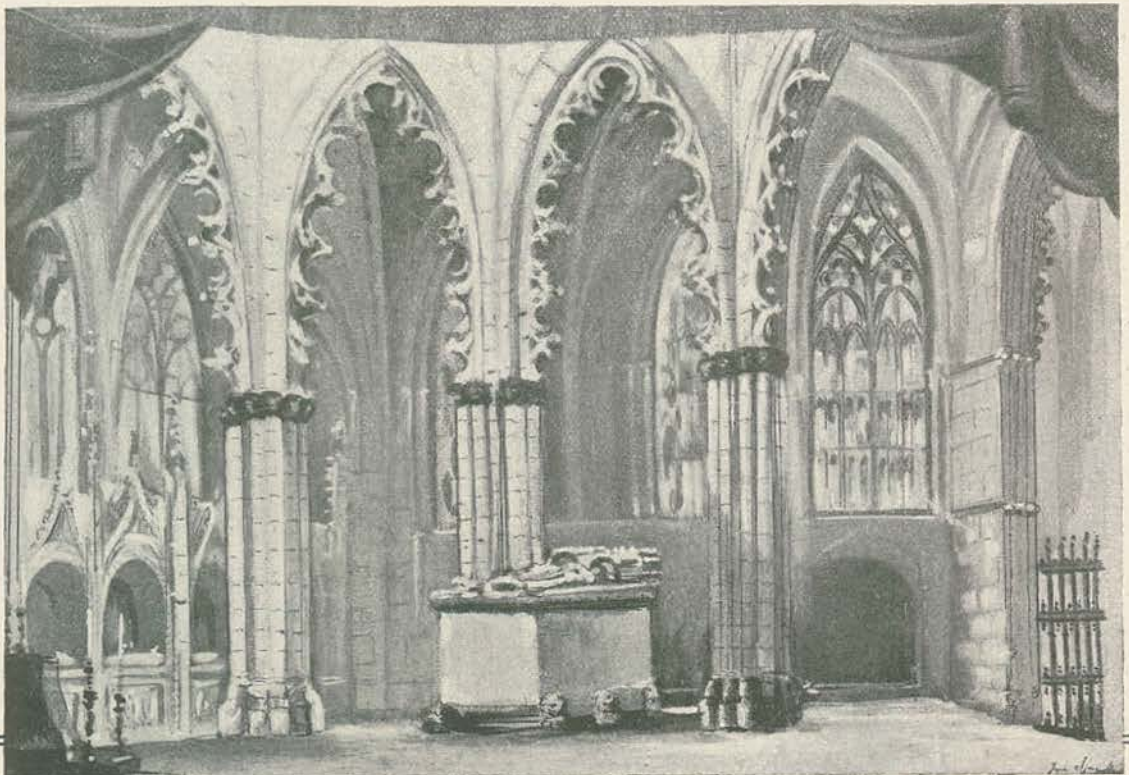
Elogiosamente se referiu toda a critica a esta obra, que, a hora em que escrevemos, veiu continuar a série gloriosa dos originaes portuguezes do genero, entre os quaes figuram alguns notabilissimos firmados pelos nomes mais illustres da nossa dramaturgia—D. João da Camara, Marcelino Mesquita e Henrique Lopes de Mendonça.

Augusto Rosa, dirigindo os ensaios do «Infante de Sagres», prestimosamente auxiliado por Antonio Pinheiro, deu todo o relevo á obra admiravel do poeta na qual José Mergulhão mais uma vez afirmou o seu grande merito de cenografo pintando esse soberbo asp'to da Batalha, aqui reproduzido, que é uma maravilha de arte, e Ferreira da Silva o seu grande talento de comediante na interpretação difficilissima da figura imortal do Infante D. Henrique.



O. C.

Ferreira da Silva



Cenario do 3.º ato, de José Mergulhão

FIGURAS E FACTOS



O sr. Alfredo Guimarães, autor do *Livro de Saudades*, coleção de cem deliciosas quadras.



Os distintos escritores srs. Albino Forjaz de Sampaio e Bento Mantua, compiladores da interessante antologia das mulheres infelizes, a que deram o titulo *O livro das cortezans*, enriquecendo-o com um brilhante prefacio em que se revela em cada pagina o culto espirito dos seus autores.



As sr.^{as} D. Mercedes Cache-lievre e D. Maria Melo Leite e Silva, nas *Rosas de todo o ano*, do sr. Julio Dantas.

(Cliché do sr. J. N. Ribeiro)



A sr.^a D. Alzira de Araujo Pereira e o tenente de engenharia sr. Eugenio Duro Xavier, consorciados recentemente em Lisboa. Foram padinhos os paes da noiva, sr.^a D. Delfina de Araujo Pereira e José de Araujo Pereira, e os paes do noivo, sr.^a D. Adelina Rodovalho Duro Xavier e o general sr. Eugenio Candido Xavier.



6. Casamento, no velho mosteiro dos Carvalhos, do sr. Domingos José de Oliveira, industrial de S. João da Madeira, com a sr.^a D. Alice de Souza Carvalho, de uma distincta familia dos Carvalhos.

NO LOBITO



Uma fase dos jogos. — A corrida do carro em que ganharam o premio os srs. A. Pinheiro e J. Plantier.



1. A assistencia. — Destacando-se da direita para a esquerda o sr. Xavier Cordelro, Mademoiselle Anacoreta, Mademoiselle M. Machado, Mademoiselle Clark e Mademoiselle Mears, que tomou a iniciativa de uma *quette* que produziu 58 escudos e Miss Apperley. — **2. A direcção do Lobito Sport Club e alguns auxillares das festas.** — 1.º plano, da esquerda para a direita: W. D. Clark, director; Madame M. Machado, que coadjuvou as festas; M. Machado, presidente da assemblea geral; Antero de Oliveira, secretario; no 2.º plano: B. Delnot, delegado da secção do Tennis; F. de Sá, secretario substituto; T. Branco, delegado da secção nautica; P. R. Mears, Idem da secção atletica.

A favor das vitimas da guerra realizou-se no Lobito uma festa sportiva que resultou brilhantissima, á qual assistiram muitos habitantes de Benguela e Catumbela. A festa constou de uma «gymkana», cujos jogos provocaram francos risos na assistencia,

um passeio na baía do Lobito, sem duvida o melhor numero do programa pelas muitas embarcações engalanadas que n'ele tomaram parte, e um baile que decorreu animadissimo e se prolongou até quasi de madrugada.



Passeio na baía. — A largada da Ponte Caes da ultima série de barcos, a reboque do escaler a vapor da C. F. B. No caes o sr. T. Branco, que organizou o passeio. (Clichés do distinto amador sr. Tiberio de Oliveira.)

PÕ
DE ABYSSINIA
EXIBARD
Sem Opio nem Morphina
 Muito eficaz contra a
ASTHMA
 Catarrho — Oppressão
 e todas affecções espasmódicas
 das vias respiratorias.
 35 Anos de Bom Exito. - Medallas Ouro e Prata.
H. FERRÉ, BLOTTIÈRE & C^o
 6, Rue Dombasle, 6
PARIS
 5 BOAS PHARMACIAS

CHA HORNIMAN

FOTOGRAFIA

 A MAIS ANTIGA DE PARIS
 AS MAIS ALTAS RECOMPENSAS
21, Boulevard Montmartre
PARIS
 TELEPHONE: Gutenberg 42-09 ASCENSOR

Lêr na proxima quarta-feira o
Suplemento de MODAS & BORDADOS
D'O SEculo
Secções de: Modas, Correspondencia, Figurinos,
 e Bordados.
INTERESSANTES CONCURSOS

A's Senhoras Economicas
 Tem vestidos prontos a vestir, feitos
 n'um dos melhores ateliers da baixa
 por **12\$000.**
 Exposição d'alguns modelos na
Praça Duque de Saldanha
4 e 5
MANTEAUX DESDE 12\$000

Perfumaria
Balsemão
 141, RUA DOS RETROZEIROS, 141
 TELEPHONE N.º 2777-LISBOA

O passado, o presente e o futuro



REVELADO PELA MAIS CELEBRE
CHIROMANTE
E FISIONOMISTA DA EUROPA
MADAME
Brouillard

Diz o passado e o presente e prediz o futuro, com veracidade e rapidez; é incomparavel em vaticínios. Pelo estudo que fez das ciencias, quíromancias, cronologia e fisiologia, e pelas applicações praticas das theorias de Gall, Lavater, Desbarolles, Lambrose, d'Arpenigney, madame Brouillard tem percorrido as principaes cidades da Europa e America, onde foi admirada pelos numerosos clientes da mais alta categoria, a quem predisse a queda do Imperio e todos os acontecimentos.

os que se lhe seguiram. Para portuguez, italiano e hespanhol. Da consultas diarias das 9 da manhã ás 11 da noite em seu gabinete: 43, RUA DO CARMO. 43 (sobre-loja)—Lisboa. Consultas a 1\$000 réis, 2\$500 e 5\$000 réis



PARA ENCADERNAR A
Ilustração Portuguesa

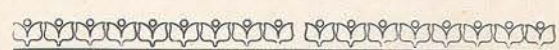
Estão a venda bonitas capas em percalina de fantasia para encadernar o primeiro semestre de 1916 da «Ilustração Portuguesa». Desenho novo de ótimo efeito.

Preço 400 réis

Tambem ha, ao mesmo preço, capas para os semestres anteriores. Envia-se para qualquer ponto a quem as requisitar. A importancia pôde ser remetida em vale do correio ou ordens postaes. Cada capa vae acompanhada do indice e frontespicio respectivo.

Administração d'O SEculo

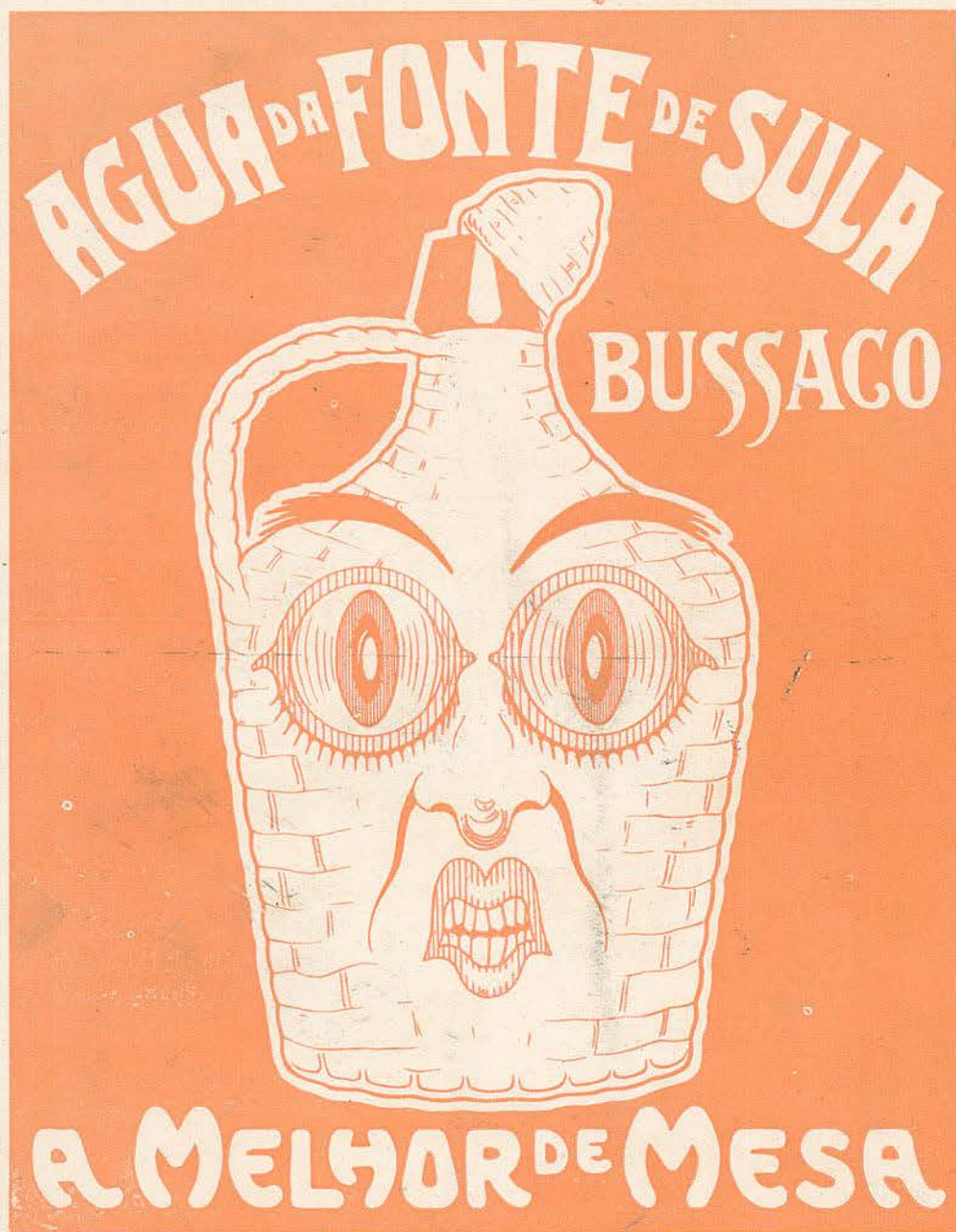
RUA DO SEculo, 43
 LISBOA



PURÍSSIMA

A mais alta classificação sob o ponto de vista bacteriológico

Hiposalina-silicatada-chloretada-sódica, sem vestígios de substâncias orgânicas — notavelmente radio-ativa, ionizada, rica em gases raros



A' VENDA EM TODA A PARTE.

A 5 centavos (50 réis) o litro, em garrações de 5 litros

CONCESSIONARIO: *Humberto Bottino*

R. Alves Correia, 193
— LISBOA —

Telefone 3:035

Telegramas: REMEMBER